

cotidiano



Estudante e professora de escola municipal do Rio em atividade presencial em abril. João Gabriel Alves. 21. Abr. 21/Agência Enquadrar/Folhapress

Escolas do Rio apostam em aulas extras e aplicativos

Colégios buscam alternativas para repor conteúdo perdido na pandemia

Thaiza Pauluze

RIO DE JANEIRO Com o retorno das aulas após um ano de pandemia e ensino remoto, parte das escolas particulares do Rio de Janeiro têm apostado em aulas de reforço no conteúdo perdido e colocar todos os alunos na mesma página. Outras foram atrás de aplicativos, podcasts e gamificação para evitar a defasagem e a evasão escolar.

O Colégio Daltro desde março adota o modelo híbrido pela manhã, e, à tarde, os alunos têm mais duas aulas on-line, de português e matemá-

tica, duas vezes na semana. "Pensamos em uma forma de resgate dos conteúdos que não foram bem internalizados em 2020. Estamos atendendo todos os alunos, por série, nesse turno extra, sem custo adicional para as famílias, a princípio, até dezembro", explicou a diretora pedagógica, Rosália Aiva.

Segundo a escola, com unidades na zona oeste (Taquara e Recreio) e zona norte (Méier), a iniciativa já está dando resultados. "Está refletindo diretamente nas notas dos alunos nos bimestres".

Já no Força Máxima, da zona norte e Baía Fluminense, a opção foi uma aula extra, chamada de "revedo 2020", que começou junto ao ano letivo.

"Adotamos aulas gravadas dos principais conteúdos base de cada série para auxiliar os alunos a assimilar os conteúdos das séries seguintes. Ou seja, um aluno que está no sétimo ano vai ter disponível as disciplinas do sexto ano para que ele consiga acompanhar com mais facilidade o que está sendo dado agora", explica o diretor Felipe Domingos.

Outras escolas apostaram em novas tecnologias para ajudar os alunos a não perder o conteúdo no segundo ano da pandemia.

O Colégio Curso Fator, em São João do Meriti, na Baixada Fluminense, primeiro desenvolveu o seu braço digital, o Fator On, que é um curso regular, mas remoto. Depois, viu que precisava de mais para estimular os estudantes em preparação para o vestibular.

Então, firmou parceria com uma plataforma de educação chamada TutorMundi. Através dela, os alunos têm acesso a tutores de várias universidades brasileiras, sem precisar agendar, 24 horas por dia e 7 dias por semana.

"Identificamos melhorias positivas no comportamento deles, e desenvolvimento deles,

“Pensamos em uma forma de resgate dos conteúdos que não foram bem internalizados em 2020. Estamos atendendo todos os alunos, por série, nesse turno extra, sem custo adicional para as famílias, a princípio, até dezembro”

Rosália Aiva
diretora pedagógica
do Colégio Daltro

nivelando a aprendizagem", afirma Rafael Lima, professor e fundador da instituição. "Os professores conseguem ter mais tempo para passar o conteúdo das aulas e os alunos passaram a selecionar melhor as dúvidas que tiram com os professores no fim da aula e com o tutor na plataforma."

Já no Santo Inácio, um dos mais tradicionais do Rio, alguns projetos nascidos na crise sanitária vieram para ficar no pós-Covid.

Um deles é o Wordwall. Adotado no começo da quarentena, a plataforma virou uma aliada no processo de alfabetização. Com ele, as professoras criam atividades em formato gamificado (caça-palavras, jogo da memória e quiz, por exemplo). As crianças aprendem o conteúdo de forma lúdica.

Em matemática, outra ferramenta de gamificação, o Mangahigh, passou a fazer parte da rotina do ensino fundamental. A plataforma mostra aos professores o tempo levado para a realização das tarefas. As atividades são programadas de forma personalizada de acordo com o rendimento do aluno — a inteligência artificial identifica, a partir dos erros e acertos, o nível de cada um.

Em abril, a pedido dos próprios estudantes, professores de biologia criaram o BioCast CSI, podcast com pilulas de conteúdo para revisão de tópicos da disciplina.

O colégio, que fica em Botafogo (zona sul), também tem adaptado o conteúdo para a linguagem das redes sociais.

Um exemplo: alunos recriaram clássicos da literatura, como "Capitães da Areia", de Jorge Amado, e "Dom Casimiro", de Machado de Assis, a partir de como eles se identificariam e agiriam nas redes sociais hoje. Depois de estudar em aula, montaram perfis dos personagens no Instagram e no Twitter e trocaram mensagens simulando diálogos que se encaxavam no enredo.

Também tem a Gigi Blogueirinha das aulas de história. Criada há três anos, a personagem perde seguidores por fazer postagens em redes sociais que contêm erros históricos. A figura surge inclusive em provas para que os alunos corrijam seus equívocos.

A maratona da educação começa hoje com a volta às aulas

OPINIÃO

Alexandre Schneider

pesquisador de Universidade Columbia (EUA) e da FGV/SP e secretário municipal de Educação de São Paulo

Nesta segunda (2) voltamos às aulas depois de um longo tempo, em meio a uma Olimpíada que nos apresentou esportes, atletas e histórias pessoais tocantes. Rayssa, Rebeca, Italo, Mayra e tantos outros nos emocionaram pelas conquistas e por suas trajetórias, mas também por suas vitórias se darem em um campo — o esporte de alto rendimento — que exige disciplina, superação, persistência e motivação.

A motivação é um elemento

fundamental também no processo de aprendizagem. Confiar em si e na capacidade de realizar autonomamente atividades propostas, enxergar valor em completá-las individual ou colaborativamente e sentir recompensas ao final do processo são algumas das dimensões que influenciam a motivação de um estudante.

Segundo pesquisa recente do Datafolha, o quadro que os educadores brasileiros terão diante de si a partir de hoje é bastante desafiador: 56% dos estudantes ganharam peso, 45% ficaram mais agitados, 44% mais tristes, 42% mais nervosos e 34% perderam o interesse pela escola durante a pandemia.

Em um momento que necessitamos trazer de volta os estudantes às escolas, o esporte pode ser um aliado importante em seu acolhimento, restabelecimento de vínculos, dos sentidos de identidade e pertencimento. As atividades de educação física são

— ao lado das artes — um instrumento de apoio à motivação dos estudantes, à redução do absentismo e da evasão. Os professores Jai Mehta e Sarah Fine, da Universidade Harvard, pesquisaram por seis anos as melhores escolas de ensino médio americanas. Encontraram estudantes pouco engajados com o tradicional "combo" de aulas expositivas e testes de múltipla escolha.

As atividades que mais motivavam os estudantes eram coletivas, muitas delas fora da sala de aula, como educação física e artes, que contribuíam com o maior engajamento dos estudantes no conjunto das disciplinas escolares.

Estudo publicado em 2018 na revista científica do CDC (centro de controle e prevenção de doenças americano) demonstrou que a ampliação da exposição a atividades físicas resultou em uma diminuição do absentismo escolar de estudantes do ensino básico em Nova York, particularmente aqueles em situação mais vulnerável. Levando os estudantes ao ar livre e propondo jogos cooperativos são estratégias relevantes

para trazê-los em aula para a escola. Onde não há quadra poliesportiva é possível usar espaços públicos no entorno para realizá-las. Um bom programa de educação física é muito mais do que propor os tradicionais esportes coletivos com bola.

Italo Ferreira, primeiro campeão olímpico de surf, começou a pegar ondas em uma tampa de isopor. Filha de mãe solo, que dava duro para sustentar oito filhos, Rebeca Andrade andava duas horas por dia para treinar, com apenas sete anos de idade. Três cirurgias e anos depois, é a segunda melhor ginasta do mundo. As conquistas de Rebeca, Italo e tantos outros se devem

a seu esforço, disciplina, persistência e motivação pessoais e a uma rede de apoio. Não desistiram diante das dificuldades, mas tiveram ao seu lado familiares e pessoas que não os deixaram desistir.

Os estudantes que voltam hoje às aulas podem ter na atividade física um apoio fundamental para que se reconectem à escola. Governos, educadores e a sociedade devem agir para que todos, independentemente de suas condições iniciais, cheguem ao fim dessa "maratona da aprendizagem" no tempo certo de "classificação para as próximas fases".

Não os deixemos desistir. Não desistamos deles.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Elo familiar, aprimorou dons na vida e na metalurgia

LUÍZ LOPES (1930-2021)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Luiz Lopes era um agregador de pessoas e o elo da família. Gostava de juntar os parentes próximos com os distantes para confraternizar. No dia a dia, era amoroso, piadista e brincalhão. Nasceu em Promissão (a 451 km de SP) e filho de pai espanhol

com mãe de ascendência indígena, foi sozinho para a capital paulista em busca de trabalho em 1948.

De registro na carteira profissional, o mais emblemático foi o de torneiro mecânico. Profissionalizou-se em união técnica e talento na metalurgia. Ao longo da carreira, passou pela Light São Paulo, pe-

la Ford e Volkswagen, onde se aposentou.

"Não posso deixar de notar certo paralelismo entre a trajetória individual do meu avô e do próprio país e do mundo: trabalhou num modelo fordista de produção econômica, viu nascer o movimento operário sindical do ABC no fim da ditadura militar, aposentou-se com estabilidade, relativamente jovem, e morreu no mesmo ano em que a Ford anunciou sua saída do Brasil que a Volks informou que desativará milhares de postos de trabalho no país",

afirma o neto Caio do Valle Souza, 35, historiador.

Na década de 1950, Luiz casou-se com Alayde Gonçalves. Da união, que durou mais de 50 anos, nasceram três filhos. Em 2007, Alayde faleceu, vítima de câncer. Luiz levava esse primeiro amor no peito com uma tatuagem de coração, feita quando tinha 20 e poucos anos, conta Caio.

No ano seguinte, a vida deu-lhe um novo casamento, com Iraci. O casal ficou junto até 2022, quando problemas de saúde obrigaram Luiz a ir para uma casa de repouso.

Ele partiu dia 12 de julho, aos 90 anos, por complicações de Covid-19. Deixou esposa, três filhos, quatro netos, duas bisnetas e o exemplo de uma vida digna construída com muito trabalho.

VANESSA CRISTINA DEMARCHI

Aos 38, solteira. Sábado (31). Cemitério Municipal de Terra Roxa, r. Rubião Júnior, Terra Roxa (SP).

BERTA RICARDO DE MAZZIERI Aos 84, viúva de prof. Ricardo Mazzieri. Domingo (1º) às 17h. Crematório da Vila Alpina, av. Francisco Falconi, 437, Jd. Aveilino.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156. Prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario. Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-2000. Seg. a sex., 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h. Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (1º) de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 19h às 18h aos dias úteis. Informe um número de telefone para chegaran das informações.